

O PROINFO E O PROFESSOR DAS ESCOLAS PÚBLICAS

Glicerinaldo de Sousa Gomes¹; Josileide Carmem Belo de Lima².

¹Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: glicerinaldo@gmail.com; ² Universidade Federal da Paraíba. E-mail: josileidecarmem@gmail.com ;

RESUMO

A sociedade vem, nas últimas décadas, mudando a forma de interação e aprendizagens. As distâncias têm sido encurtadas, sobretudo, com o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC's, com destaque para o uso do computador e da internet, propiciando a comunicação e o acesso a informações em tempo real. Com a mesma intensidade, a educação tem sido impulsionada a acompanhar tal dinâmica, no entanto, nem todos os professores, mediadores do conhecimento estão aptos a propiciar tais aprendizagens a seus alunos. Este trabalho tem o intuito de discutir e propiciar indagações sobre a necessidade de uma formação docente mais ampla, que perpassa os muros da escola indo até o campo virtual das possibilidades de aprendizagem pela interação entre alunos e professores, ancorando-se, sobretudo nas contribuições de Valente (2000) e Moran (2009) para uma educação que atenda as necessidades de seu tempo. Fazendo uma breve abordagem das possíveis contribuições que o Proinfo tenha propiciado desde sua criação em 1997 e ampliação em 2007. Para tanto, tivemos como objeto de pesquisa a ação docente de professores de uma escola pública do interior da Paraíba. Onde ficou evidente que boa parte dos mesmos participou do programa, no entanto, pouco fazem uso das TIC's e dos saberes adquiridos durante a formação.

PALAVRAS – CHAVE: Educação; Formação continuada; TIC.

INTRODUÇÃO

Do final do século XX e início do século XXI a sociedade vive uma intensa transformação sociocultural, as distâncias tornam-se cada vez mais curtas, países se unem em blocos geoeconômicos, culturas se fundem, enfim, surge uma nova sociedade, influenciada, sobretudo, pelas tecnologias de informação e comunicação.

A rapidez e a abrangência de informações com as quais um profissional precisa lidar requerem uma predisposição para a educação que lhes sirva ao longo da vida de forma contextualizada às necessidades reais (VALENTE, 1999; BELLONI, 1999).

A aprendizagem e o conhecimento não podem ser mais concebidos como algo estático e imutável. Este trabalho visa discutir e propiciar indagações sobre a necessidade de uma formação docente mais ampla, que perpassa os muros da escola indo até o campo virtual das possibilidades de aprendizagem.

Logo, se faz necessário profissionais que possuam uma visão holística de sua realidade e de diferentes contextos, contribuindo para a efetiva compreensão e leitura de cenários, tanto a nível local quando global.

REFERENCIAL TEÓRICO

A atual conjuntura política e econômica tem demandado a formação de pessoas capacitadas para atuarem nas mais diversas realidades e situações, com compromisso, responsabilidade e qualidade nos serviços prestados. Acarretando assim o desenvolvimento de uma acirrada busca por conhecimento e formação, que desencadeiam novas exigências em termos de produtividade e competitividade, sobretudo, em função dos avanços tecnológicos.

A visão de que conhecimento e o capital intelectual e tecnológico são as grandes matérias-primas das economias modernas. Além de que, a evolução tecnológica vem afetando não apenas os processos e arranjos produtivos, mas também as formas organizacionais, as relações de trabalho e a maneira como as pessoas constroem o conhecimento e requerem um novo posicionamento da educação.

Logo, faz-se necessário não, apenas, ter uma sólida formação básica, é preciso ir além e desenvolver, também, novos hábitos intelectuais que vão desde a simbolização e formalização do conhecimento, de manejo de signos e representação, além de preparar o indivíduo para uma nova gestão social do conhecimento, apoiada num modelo digital explorado de forma interativa (PROINFO/MEC 1997).

O acesso à informação é algo que a cada dia tem se tornado imprescindível para o desenvolvimento de um estado democrático, como o Brasil. Uma boa forma de se conseguir isto, é usar o computador, celular, tablete e tantos outros recursos tecnológicos como pontes que ligam a sala de aula aos mais diversos conhecimentos e possibilidades no mundo virtual.

Servindo assim como ferramenta educacional e formativa, útil e necessária, a investigação, comunicação, construção, representação, verificação, análise, divulgação e produção do conhecimento.

Tendo em vista que a educação é o grande locus de transformação da realidade de uma sociedade, de uma nação, o governo federal, por meio do Ministério da Educação – MEC, instituiu o Programa Nacional de Informática na Educação – Proinfo, no ano de 1997, como forma de fomentar e fortalecer a formação de cidadãos plurais.



O MEC, no papel político-estratégico de coordenar a Política Nacional de Educação, tem criado ou reformulado mecanismos de apoio ao sistema público de educação, para o qual traçou, dentre outras, as seguintes diretrizes: fortalecimento da ação pedagógica do professor na sala de aula e da gestão da escola, maior envolvimento da sociedade na busca de soluções educacionais e modernização com inovações tecnológicas introduzidas no processo ensino-aprendizagem. Este Programa, portanto, se insere no conjunto de ações desenvolvidas em respeito a estas diretrizes. (PROINFO/MEC, 1997).

O caderno de diretrizes do Programa Nacional de Informática na Educação – Proinfo (1997), justifica que:

Há uma nova gestão social do conhecimento a partir do desenvolvimento de novas técnicas de produção, armazenamento e processamento de informações, alavancado pelo progresso da informática e das telecomunicações. Os computadores estão mudando também a maneira de conduzir pesquisas e construir o conhecimento, e a forma de planejar o desenvolvimento tecnológico, implicando novos métodos de produção que deixam obsoleta a maioria das linhas de montagem industriais clássicas. (PROINFO, 1997, p. 2)

Mas a necessidade de formação de cidadão para o uso consciente e racional das tecnologias esbarra em uma grande problemática que é o professor. Pois, muitos destes profissionais não são familiarizados com a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação –TIC's em sala de aula e, em alguns casos, se quer estão abertos a mudarem suas metodologias utilizando tais recursos. Questiona-se, assim, o que fazer para familiarizar docentes e estudantes com usos das TICs que ultrapassem sua mera utilização instrumental? Bates afirma que

o importante aqui é o uso extensivo da tecnologia no ensino, que se justifica quando é usado de maneira estratégica para tratar temas educativos principais ou para dar um passo à frente significativo nos métodos educativos ou em certos programas” (BATES, 2004, p.35).

Nessa perspectiva, a utilização de tecnologias em sala de aula deve se dar de forma contínua e gradual, de modo que professores e alunos possam se ajustar no processo de ensino e aprendizagem, mediados, suscitando uma aprendizagem colaborativa.

Há, portanto, a urgente necessidade de os docentes se adaptarem as mudanças que são propostas quer sejam elas na estrutura de poder, na organização de suas classes e na forma de comunicação, nas metodologias. Nesse processo, os estudantes não são nem devem ser concebidos como agentes passivos da sociedade da informação.

Porém, se o docente é aberto às mudanças, sobretudo, de paradigma, torna-se um guia nos processos de exploração, apropriação e reflexão cognitiva. Por sua vez, o estudante assume plenamente o papel de explorador. Nesse sentido, podemos considerar que o professor passa a criar uma rede de colaboração com seus alunos e, nesse processo, todos tem papéis ativos, importantes para a aquisição do conhecimento.

Finquelievich (2007) destaca que as redes não apenas servem como veículo para proporcionar aos estudantes materiais para auto ensino, mas também para criar um ambiente fluido e multimídia de comunicações entre professores e alunos (tele tutoria) e, talvez mais importante, entre os próprios alunos (aprendizagem colaboradora, gestão do conhecimento).

Torna-se conveniente e até necessário que os estudantes possam comprovar por si mesmos seu nível de progresso, quer seja por meio de testes de auto avaliação ou por trabalhos de pesquisa ancorados pela colaboração em rede com outros estudantes. Para os alunos que realizam estudos tanto em forma presencial quanto virtual ou mista, as TICs se transformam em instrumento cada vez mais imprescindível nas instituições educativas (MARQUÈS GRAELL, 2000 *apud* FINQUELIEVICH, 2007), quando podem apresentar múltiplas funções:

- Fonte e veículo de informação e de acesso a dados em diversos formatos (textos, imagens, sons etc. – hipermídia);
- Canal de comunicação interpessoal, ferramenta para o trabalho colaborador e para o intercâmbio de informação e ideias (correio eletrônico, fóruns na internet, grupos eletrônicos de interesse);
- Meio de expressão e instrumento de criação (processadores de textos e gráficos, editores de páginas web e de apresentações multimídia, câmara de vídeo, música, arte digital etc.);
- Instrumento cognitivo e ferramenta para processar a informação (folhas de cálculo, gestores de bases de dados etc.);
- Instrumentos para a gestão, uma vez que automatizam diversos trabalhos da gestão dos centros (secretaria, ação tutorial, assistências, bibliotecas etc.);
- Recurso interativo para a aprendizagem: os materiais didáticos multimídia informam, treinam, simulam, guiam aprendizagens, motivam, sugerem, inspiram;
- Meio lúdico e ambiente de desenvolvimento psicomotor e cognitivo;

O PROINFO

O ProInfo foi criado pelo MEC no ano de 1997, inicialmente com a nomenclatura de Programa Nacional de Informática na Educação, através da Portaria nº 522. E tinha por finalidade promover o uso da tecnologia como ferramenta de enriquecimento pedagógico no ensino público, nos níveis fundamental e médio.

Desde sua criação o funcionamento do ProInfo se dá de forma descentralizada, existindo em cada Estado uma Coordenação Estadual, além desta coordenação há também os Núcleos de Tecnologia Educacional – NTE, pontos estratégicos dotados de infraestrutura de informática e comunicação que reúnem educadores e especialistas na área.

A partir do ano de 2007, mediante a promulgação do Decreto nº 6.300, o ProInfo passou a compreender o Programa Nacional de Tecnologia Educacional, tendo como principal objetivo promover o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação nas redes públicas de educação básica.

O Decreto nº 6.300, de 12 de dezembro de 2007, que dispõe sobre o Programa Nacional de Tecnologia Educacional – ProInfo, estabelece em seu teor

Art. 1º O Programa Nacional de Tecnologia Educacional ProInfo, executado no âmbito do Ministério da Educação, promoverá o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação nas redes públicas de educação básica.

Parágrafo único. São objetivos do ProInfo:

- I - promover o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação nas escolas de educação básica das redes públicas de ensino urbanas e rurais;
- II - fomentar a melhoria do processo de ensino e aprendizagem com o uso das tecnologias de informação e comunicação;
- III - promover a capacitação dos agentes educacionais envolvidos nas ações do Programa;
- IV - contribuir com a inclusão digital por meio da ampliação do acesso a computadores, da conexão à rede mundial de computadores e de outras tecnologias digitais, beneficiando a comunidade escolar e a população próxima às escolas;
- V - contribuir para a preparação dos jovens e adultos para o mercado de trabalho por meio do uso das tecnologias de informação e comunicação; e
- VI - fomentar a produção nacional de conteúdos digitais educacionais.

Art. 2º O ProInfo cumprirá suas finalidades e objetivos em regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, mediante adesão. (BRASIL, 2007)

Assim, o programa funcionará em regime de colaboração com Estados e municípios, para disseminar a cultura informacional e o uso das TIC's em sala de aula, capacitando, sobretudo, o corpo docente dos sistemas educacionais locais.

Capacitar, ou seja, qualificar profissionais, foi um das estratégias e também desafios para a implantação do programa não significava, apenas, preparar o indivíduo para um novo

trabalho docente, mas prepará-lo para uma nova cultura, apoiada no uso de tecnologias interação e comunicação. Sendo um desafio à pedagogia tradicional, a medida em que são introduzidas novas formas e maneiras de ensinar e aprender.

Os Estados e a maioria dos municípios brasileiros aderiram ao programa e, a partir da adesão, passaram a ofertar em seus sistemas educacionais a formação para o uso das tecnologias em sala de aula, dentre eles

METODOLOGIA

A metodologia adotada para este trabalho constou inicialmente do levantamento bibliográfico referente a temática junto a fontes confiáveis de consulta como revistas e livros.

Além desse arcabouço teórico foram feitas observações sobre a ação e formação docente dos professores de uma escola pública municipal, localizada no município de Arara – PB, e também a aplicação de um questionário estruturado, com 03 (três) questões, junto a 12 professores das diversas áreas do conhecimento, de modo aleatório e que lecionam nos turnos manhã e tarde, com vistas a identificar se havia alguma professor na referida escola que tivesse participado dos cursos e oficinas que fazem parte da formação continuada do Proinfo, e quais os impactos, avanços e melhorias decorrentes da participação nessa formação.

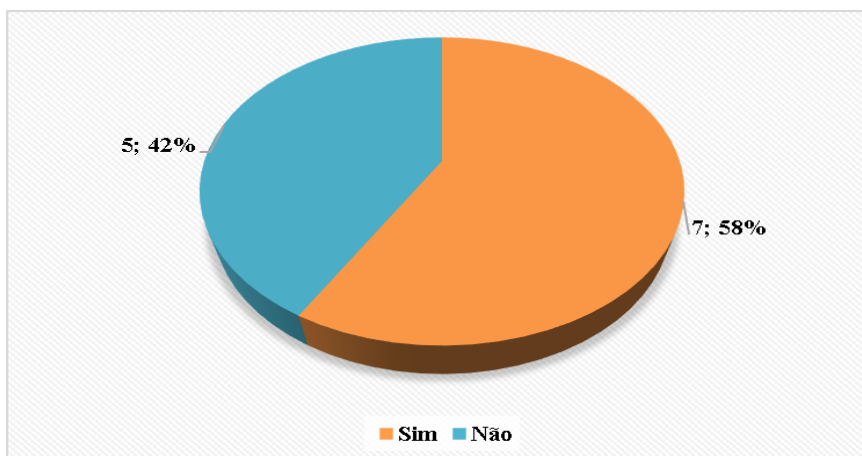
ANÁLISE E DISCUSSÃO

A dinâmica social atual tem demandado por mudanças, tornando-se um verdadeiro paradigma, sobretudo, no que concerne à formação docente, voltada as novas tecnologias. Essa mudança de perspectiva provoca uma série de mudanças em todos os campos da sociedade quer seja de cunho político como também profissional.

Nesse sentido foi aplicado um questionário estruturado com três questões a doze professores de uma escola pública municipal, do município de Arara – PB, a cerca de sua formação e ação docente relacionada a utilização de tecnologias digitais, com destaque a contribuição, ou não, após cursarem a formação do ProInfo.

Não obstante, a educação, ou seja, a preparação, conscientização e qualificação dos jovens para atender as novas exigências do mundo devem se pautar na oferta de uma educação inclusiva, que valorize a diversidade e atenda as diversas demandas sociais.

Gráfico 1: Você utiliza algum recurso tecnológico durante as suas aulas?



Fonte: Pesquisa dos autores (2016).

A maioria dos professores disse utilizar algum recurso tecnológico durante suas aulas, isso mostra a preocupação dos mesmos em tentarem integrar os conteúdos a que lecionam com o meio tecnológico e digital.

Valente (2000) defende uma nova perspectiva de EaD denominada “estar junto virtual”, que se caracteriza por uma concepção de ensino que enfatiza o ato de aprender por meio das interações que se estabelecem na rede, ou seja, no contexto do ambiente virtual de um curso e no desenvolvimento de atividades reflexivas e de autoria, que favorecem o processo de reconstrução do conhecimento.

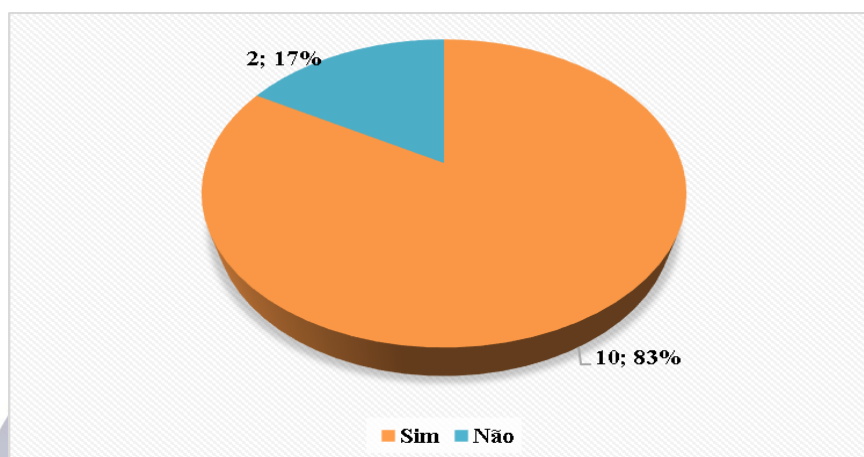
E, não somente no ambiente virtual, mas, também, traze-lo para a sala de aula, no mundo físico. Dando-lhe possibilidade de utilização para uma melhor aprendizagem dos conteúdos.

Partindo do pressuposto das teorias de aprendizagem propostas por Dewey, na qual a educação deveria ser pautada nas inter-relações entre interesses e experiências, propiciando uma contínua investigação reflexiva, dos alunos.

A segunda questão perguntava se os professores participaram de alguma formação continuada do ProInfo, as respostas foram as seguintes: 10 (83%) deles já participaram de algum curso do ProInfo e, apenas, 2 (17%) ainda não tiveram a oportunidade de cursar.

Isso mostra que os mesmos tem a preocupação de estarem capacitados para enfrentar o ‘novo’, entretanto, falta uma maior predisposição para fazer uso desses conhecimentos em sua prática em sala de aula.

Gráfico 2: Já participou de alguma formação do ProInfo



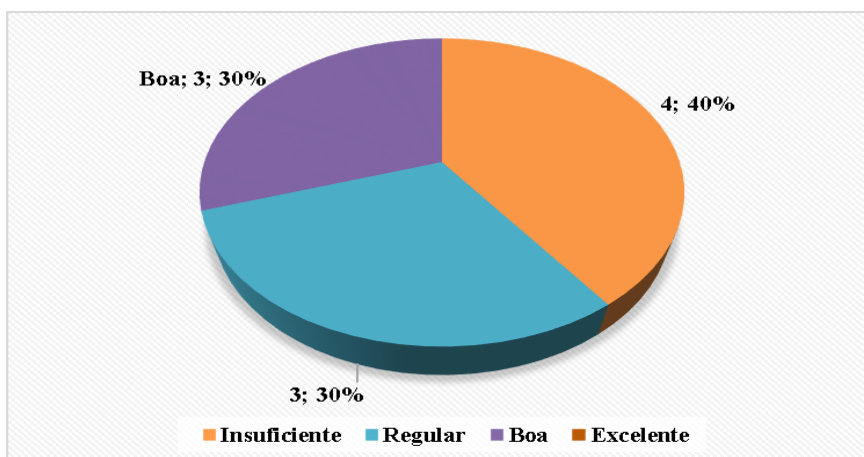
Fonte: Pesquisa dos autores (2016).

Schön (1983; 1992) propõe uma epistemologia da prática, fundamentada na reflexão do profissional sobre a própria prática, considerando os diferentes níveis de reflexão que se complementam, propiciando a sistematização do conhecimento da prática e a sua reconstrução.

Onde os processos de planejamento e desenvolvimento, bem como o de avaliação ou retroalimentação pautam-se na reflexão da ação, por parte do educador.

A terceira questão versava sobre a percepção que tinham sobre a formação ofertada pelo programa federal que é ofertado de forma pactuada com os municípios. A essa questão apenas os que participaram da formação responderam.

Gráfico 3: Qual a sua percepção com relação a formação continuada do ProInfo?



Fonte: Pesquisa dos autores (2016)

Infelizmente, o que fora observado é que grande parte dos participantes da pesquisa, 4 (40%), acreditam que a formação é insuficiente para auxiliá-los frente aos desafios da utilização de novas tecnologias em sala de aula. Os demais, em iguais quantidades, pontuaram como regular ou boa.

Nesse sentido, devemos fazer uso do que colabora Schon (1992), ao afirmar que o organizando, sistematizando o conhecimento e tornando-o acessível e possível de aprender, ao qual se tornará um ponto de partida para novas descobertas. “É impossível aprender sem ficar confuso.” (SCHON, 1992, p. 85).

Daí a necessidade da formação propiciar ao educador vivenciar a reflexão sobre a ação e outros níveis mais abrangentes de olhar e compreender a própria prática e as práticas de seus pares contextualizadas em diferentes realidades (PRADO; VALENTE, 2002).

De acordo com teoria de Schon (1992), é necessário que o educador se distancie da ação para reconstituí-la mentalmente a partir da observação, da descrição e da análise dos fatos ocorridos. Mas para que surta efeito, tais discussões devem ser refletidas na educação que oferecemos a nossas crianças, de modo que elas compreendam a importância que cada um tem, independente de sua cor, raça, sexo ou status social. Uma educação que faça sentido para o educando, pautada na compreensão e na reflexão do seu eu e dos outros.

Alarcão (2001) argumenta que os níveis de reflexão (sobre a prática) não acontecem de forma natural e espontânea. É por essa razão que o curso de formação deve despertar no educador-aluno o prazer pela investigação persistente e rigorosa por meio de estratégias que facilitem sua prática.

E assim, encontrar sentido para problematizar, rever e analisar a própria prática em busca de compreendê-la historicamente no bojo de um processo que articula momentos de

reflexão individual e coletiva sobre o cotidiano, o contexto sócio-econômico, cultural e ideológico e a teorização sobre a prática que a orienta e a realimenta.

No mesmo sentido Paulo Freire (2001) propõe que a formação permanente de educadores na *práxis* tenha como unidade a relação entre teoria e prática estabelecida no fazer e no refletir sobre esse fazer, tendo como núcleo a conscientização ancorada em princípios éticos e valores presentes em um processo de inserção crítica na realidade, vivido e compreendido pelo diálogo, que permita expressar a curiosidade epistemológica e pela reflexão, que gradativamente transforma a curiosidade ingênua em criticidade.

Propõe-se assim uma constante interação entre professor e aluno, pois ambos podem contribuir, crescer, evoluir ao passo que exercita sua autonomia e, também, liberdade de expressão, um princípio democrático que deve se fazer presente no âmbito escolar, sobretudo, por meio do diálogo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude das diversas experiências docentes que já tivemos, vemos a escola como campo fértil para a transmissão do conhecimento, desde que esta constitua um espaço democrático, propiciando maior interação para a formação das crianças e jovens em cidadãos críticos e reflexivos, capazes de exercer bem sua cidadania.

No entanto, vale salientar que, em virtude dos grandes avanços que as Tecnologias de Informação e Comunicação tem possibilitado, se faz necessário a mudanças de ações, atos, postura e metodologias. O professor é o agente primaz na condução a novas descobertas, aprendizagens e na interconexão que pode e deve ser realizadas entre as diversas áreas do conhecimento.

A pesquisa revelou que boa parte dos professores já tiveram alguma formação para o uso das novas tecnologias, no entanto, por questão pessoal, desmotivação, ou até mesmo falta de apoio de suas instituições não estão fazendo uso de tais recursos em suas aulas.

Há, portanto a necessidade de repensar o fazer docente e pedagógico sobre essa temática tão atual e importante.

De modo que ele, o professor, diante de sua prática docente possibilita a constituição de diferentes cenários encaminhando os alunos a análises e descobertas. Por outro lado, deve-se ter em mente que os alunos também têm muito a ensinar, sobretudo, sobre a utilização das

tecnologias, pelo fato destas serem próprias de seu tempo, de sua infância. Ou seja, já nasceram em meio a tecnologia tendo assim maior familiaridade com elas. Cabendo ao profissional mediar o processo educativo de forma mutua, possibilitando a aprendizagem para ambos na dialética interação professor-aluno e aluno-professor.

REFERÊNCIAS

VALENTE, J. A. **Educação à distância: prática e formação do profissional reflexivo**. São Paulo: Avercamp, 2009. p. 65- 80.

_____. **Computadores e conhecimento: repensando a educação**. São Paulo: UNICAMP/NIED. 2000.

ALARCÃO, I. Reflexão crítica sobre o pensamento de D. Shon e os programas de formação de professores. In: ALARCÃO, I. (Org.). **Formação reflexiva de professores – estratégias de supervisão**. Portugal: Porto Editora, 2001. p. 9- 39.

MORAN, José Manuel (org.). **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 15ed. Campinas, SP: Papyrus, 2009.